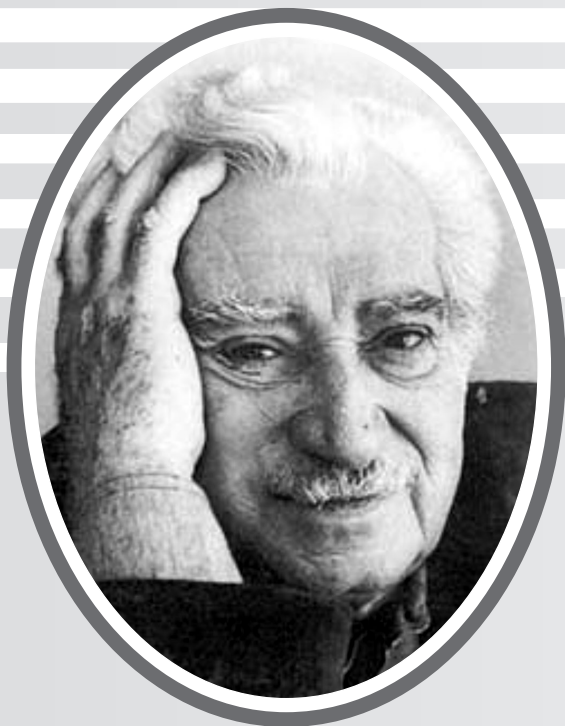


**As obras da
FUVEST - UNICAMP**

7

Capitães da Areia



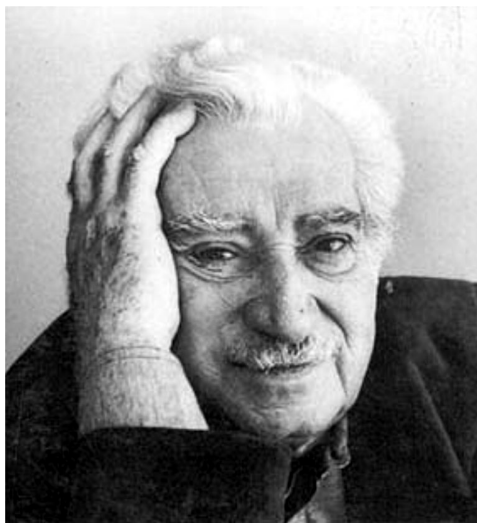
JORGE AMADO



CAPITÃES DA AREIA

JORGE AMADO

(Itabuna, 1912 – Bahia, 2001)



VIDA

Jorge Amado situa-se literariamente na Segunda Geração Modernista (1930–1945), na vertente do romance neorrealista regionalista. As narrativas desse grupo de escritores analisam as estruturas sociais da realidade nordestina, isto é, o conflito do homem com o meio geográfico e social.

Na prosa neorrealista, também chamada de romance de 30, é marcante o vigor das expressões populares, isto é, o registro que incorpora a fala nordestina. É perceptível certa falta de rigor não só com a concepção da estrutura do romance, mas também com o próprio fluxo narrativo, bem à vontade, como se o escritor fosse apenas um contador de histórias, como se vê principalmente nas obras de José Lins do Rego e de Jorge Amado. A linguagem coloquial é a herança perceptível da Primeira Geração Modernista (1922–1930) no romance neorrealista.

O registro ou variante popular é recorrente no diálogo da obra de Jorge Amado. É reiterada a mistura do tratamento de segunda pessoa (tu) com o de terceira pessoa. Esse tom coloquial, o erotismo e uma visão idealizada, simplista e populista da exclusão social tornaram extremamente acessível a leitura da obra de Jorge Amado. Segundo Alfredo Bosi, “Jorge Amado é fecundo contador de histórias regionais (...) voltado para os marginais, os pescadores e os marinheiros da sua terra que lhe interessam enquanto exemplos de atitudes *vitais*:

românticas e sensuais... A que, vez por outra, emprestaria matizes políticos. (...) Cronista de tensão mínima, soube esboçar largos painéis coloridos e facilmente comunicáveis que lhe franqueariam um grande e nunca desmedido êxito junto ao público. Ao leitor curioso e glutão a sua obra tem dado de tudo um pouco: pieguice e volúpia em vez de paixão; estereótipos em vez de trato orgânico dos conflitos sociais, pitoresco em vez de captação estética do meio; tipos *folclóricos* em vez de pessoas, descuido formal a pretexto de oralidade (...). O populismo literário deu uma mistura de equívocos e o maior deles será, por certo, o de passar por arte revolucionária.”

OBRA

Capitães da Areia (1937)

CAPITÃES DA AREIA é dividido nas seguintes partes:

- CARTAS À REDAÇÃO;
- SOB A LUA NUM VELHO TRAPICHE ABANDONADO;
- A NOITE DA GRANDE PAZ, DA GRANDE PAZ DOS TEUS OLHOS;
- CANÇÃO DA BAHIA, CANÇÃO DA LIBERDADE.

CARTAS À REDAÇÃO

No início da obra, há uma sequência de textos publicados no Jornal da Tarde, de Salvador. O primeiro deles é uma notícia e traz como manchete “Crianças Ladronas”. No corpo da notícia, narra-se o assalto praticado pelos Capitães da Areia na residência do Comendador José Ferreira. A matéria termina pedindo uma providência da polícia.

Seguem-se várias cartas, pode-se dizer que há no conjunto dessas cartas enviadas ao jornal uma divisão quanto ao encaminhamento do problema da delinquência juvenil. A carta do padre José Pedro e a da costureira Maria Ricardina, cujo filho esteve no reformatório, denunciam os maus tratos infligidos aos menores infratores que são levados para a reeducação. A carta do juiz de menores e a do diretor do reformatório são a favor da repressão reeducadora. O jornal aceita a versão do diretor do orfanato que maquiou a realidade para o jornalista constatar quão infundadas eram as denúncias.

SOB A LUA, NUM VELHO TRAPICHE ABANDONADO

Nota-se, nos onze capítulos que formam essa parte, a justaposição de ambientes e de fatos ligados à vida dos Capitães da Areia. Pode-se dizer que não há uma rígida sequência entre os capítulos, uma relação de subordinação. Eles formam um mosaico bem diversificado que tanto caracteriza os adolescentes marginalizados como mostra suas ações na cidade de Salvador.

1. O TRAPICHE

Nesse capítulo, é descrito o armazém onde dormiam os Capitães da Areia. O local do sono e do refúgio era um trapiche abandonado, no meio do areal, com buracos no teto. Logo após a descrição do trapiche, é apresentado o líder do grupo, Pedro Bala, jovem de quinze anos. Pedro Bala é loiro e tem uma cicatriz no rosto, fruto de uma briga com o antigo chefe dos Capitães da Areia, o caboclo Raimundo, que lhe dera uma navalhada. Na revanche, Pedro, que possuía uma agilidade espantosa, ganhou a luta e expulsou Raimundo do grupo.

2. NOITE DOS “CAPITÃES DA AREIA”

Nesse capítulo são apresentados os mais importantes integrantes dos Capitães da Areia. Inicialmente, o narrador apresenta João Grande que possui treze anos, é o mais alto, o mais forte, bom, o protetor dos menores, porém parvo. Engajara-se no grupo aos nove anos. Logo depois, é introduzida a personagem Professor, que gostava de roubar livros. Professor é o mais intelectual dos Capitães da Areia. Lia no trapiche, mesmo à luz de vela, e contava histórias para o grupo. Posteriormente, são apresentados Sem-Pernas, Pirulito, Gato, Boa-Vida e Volta Seca.

3. PONTO DAS PITANGUEIRAS

Pedro Bala, Gato e João Grande esperavam à noite, no Ponto das Pitangueiras, um homem que iria encomendar uma tarefa difícil. Mais tarde, sabem que esse trabalho era entrar sorrateiramente numa casa e trocar um embrulho cor-de-rosa por um outro idêntico, sem que isso fosse percebido. Pedro Bala concluiu corretamente que essa tarefa estava ligada a “coisa de amigamento”, isto é, ao adultério da dona da casa.

4. AS LUZES DO CARROSSEL

O carrossel decadente, armado num bairro pobre de Salvador, encantou os Capitães da Areia. Nhozinho França, o dono do carrossel, tinha convidado inicialmente Volta Seca e Sem-Pernas para ajudá-lo no serviço. Posteriormente, Professor deu a ideia de que, quando o público, à noite, já tivesse ido embora, todo o grupo fosse andar nos cavalinhos do carrossel. Nesse capítulo, o momento em que os Capitães da Areia brincam no carrossel desperta-lhes uma sensação mágica, traz-lhes o lirismo de uma criança que se encanta com o brinquedo dum parque de diversão.

5. DOCAS

Ao andarem pelas docas, Boa-Vida e Pedro Bala encontraram Luísa e João de Adão, um dos doqueiros mais velhos, negro, fortíssimo, antigo grevista, temido e amado em toda a estiva. Pedro Bala ficou sabendo, naquele momento, por intermédio de Luísa e de João de Adão, ser filho de Raimundo, mais conhecido por Loiro, grevista morto a bala durante uma repressão policial nas docas. Pedro tinha quatro anos quando ficou órfão de pai. Luísa contou-lhe ainda que a mãe de Pedro era uma moça rica, que fugira para casar com Loiro. Ela morreu quando Pedro tinha seis meses.

Ao voltar para o trapiche, Pedro Bala obrigou uma menina, de aproximadamente 15 anos que ele avistou no areal, a ter relação sexual.

6. AVENTURA DE OGUM

Don’Aninha, mãe de santo, amiga dos Capitães da Areia, pediu-lhes o favor de resgatar de uma delegacia a imagem de Ogum, São Jorge, que tinha sido apreendida pela polícia. Don’Aninha sempre tratava os Capitães da Areia com ervas medicinais, acolhia-os no terreiro, por isso Pedro Bala sentiu-se na obrigação de atender a esse pedido.

7. DEUS SORRI COMO UM NEGRINHO

O título desse capítulo remete tanto a um furto de uma imagem do menino Jesus, praticado por Pirulito, como a um bebê negro, abandonado, que foi levado temporariamente por João Grande aos Capitães da Areia. Pirulito, depois de muito hesitar, furtou de uma loja que vendia objetos religiosos a imagem de um menino Jesus de aspecto pobre, magro.

8. FAMÍLIA

Sem-Pernas, em frente a uma casa rica, habitada por um casal já idoso, disse à proprietária, Dona Ester, ser um pobre órfão, faminto, sem lar que não pretendia tornar-se ladrão. A dona da casa acolheu-o e pediu para a empregada preparar o quarto, mostrar o banheiro e dar ao garoto o roupão do filho já falecido, e uma boa refeição. Esse tipo de atitude de Sem-Pernas, fingir que era um garoto de boa índole abandonado, sempre ocorria quando os Capitães da Areia queriam saquear uma casa burguesa. Mas na casa da Dona Ester e do Doutor Raul estava sendo diferente, pois o casal projetava em Sem-Pernas o amor que tinha pelo filho único falecido, Augusto. Essa transferência de sentimento deixou Sem-Pernas com medo, teve receio de que a bondade do casal fizesse desaparecer o ódio que nutria por todos. Pela primeira vez, a demora no levantamento dos objetos de valor foi maior, mas Sem-Pernas cumpriu, após certa hesitação, a tarefa dada pelos Capitães da Areia.

9. MANHÃ COMO UM QUADRO

Nesse capítulo que capta pictoricamente as ruas e as cores de Salvador, a descrição surge já logo no início. Professor e Bala caminhavam pela cidade. Professor desenhava na calçada, como habitualmente fazia, um transeunte que estava com uma piteira. O retratado ficou tão satisfeito que deu ao desenhista um cartão, que o encaminhava para aulas de pintura, e a própria piteira. Professor jogou o cartão fora, dizendo a Bala que o único caminho existencial de um capitão da areia era viver como ladrão.

10. ALASTRIM

Alastrim é a epidemia de bexiga branca. O narrador afirma: “Omolu mandou a bexiga negra, a varíola, para a cidade. Mas lá em cima os homens se vacinaram...”. É bom lembrar da importância da topografia da cidade de Salvador para o sentido do livro. Na cidade alta, moram as pessoas bem situadas economicamente. Já na cidade baixa, ao nível do mar, moram os pobres, os Capitães da Areia inclusive. A epidemia de varíola alastrou-se tanto na cidade alta como na cidade baixa. Almiro e Boa-Vida contraíram a doença, e somente o primeiro não lhe resistiu.

11. DESTINO

Esse é um capítulo bem curto que se passa no bar Porta do Mar. Gato, Professor, Boa-Vida e Pedro Bala esperavam Querido-de-Deus. Várias mortes causadas pela varíola foram comentadas pelos fregueses. Um velho disse para que todos ouvissem que o destino era imutável. Foi retrucado, primeiramente, por João de Adão: “Um dia a gente muda o destino dos pobres”, depois por Pedro Bala que reiterou parte da frase: “Um dia a gente muda...”

A NOITE DA GRANDE PAZ, DA GRANDE PAZ DOS TEUS OLHOS

Os oito capítulos dessa parte narram principalmente os fatos relacionados a Dora, a única menina integrante dos Capitães da Areia. Já o título remete aos olhos da moça. O ingresso dela causa grande tensão. Após a aceitação, ela cumprirá o papel de mãe, de irmã do grupo e, finalmente, de noiva e esposa, *in extremis*, de Pedro Bala. Esses papéis são indicados já no título de cada capítulo.

1. FILHA DE BEXIGUENTO

Dora tinha entre 13 e 14 anos, cabelos muito loiros. Morava no morro. Era mulata, filha de bexiguentos, pois seu pai, Estêvão, morrera de varíola. Os então órfãos, Dora e seu irmão, Zé Fuinha, andavam pela rua, quando conheceram João Grande e Professor, que decidiram acolhê-los no trapiche, como novos integrantes do grupo. A chegada de Dora causou grande tensão, pois a maioria desejava-a sexualmente e estava disposta ao estupro. Bala chegou no momento crucial, quando o bando já partia para cima de Dora, e tomou, inicialmente, o partido dos que queriam o ato sexual. Mudou de opinião após a intervenção de João Grande, que disse que Dora era apenas órfã de pais bexiguentos, não era prostituta.

2. DORA, MÃE

Dora ganhou com suas atitudes carinhosas, solidárias e valentes o respeito dos Capitães da Areia. Paulatinamente, o grupo, com exceção de Pedro Bala e Professor, foi projetando na nova companheira a imagem de mãe.

3. DORA, IRMÃ, NOIVA

Dora ganhou a condição de irmã dos Capitães da Areia por vestir-se como eles, com roupa de homem, por participar dos assaltos e por ser tão valente como um

homem. Chamava a todos de “meu irmão” ou de “mano”. Eles também acostumaram-se a chamá-la de irmã, somente os menores a chamavam de mãezinha. A condição de noiva surgiu quando ela foi limpar um ferimento nos lábios de Pedro Bala, proveniente de uma briga com outro grupo de menores abandonados, o de Ezequiel. Nesse momento do curativo, Dora beijou os lábios de Bala e em seguida fugiu. Mais tarde, Dora deitou ao lado de Pedro Bala que a chamou de noiva, prometendo um dia casar com ela.

4. REFORMATÓRIO

Esse é o único capítulo da segunda parte do livro que não tem Dora como núcleo. No início é inserida uma notícia do Jornal da Tarde relatando a prisão de Dora e de Pedro Bala, ocorrida durante um assalto. Após essa notícia, narra-se o castigo brutal a que foi submetido Pedro Bala no Reformatório Baiano de Menores Abandonados e Delinquentes. Após alguns dias, Sem-Pernas enviou-lhe uma corda, material que possibilitou, à noite, a fuga espetacular de Pedro Bala.

5. ORFANATO

Nesse capítulo curto, narra-se a estada de Dora no Orfanato Nossa Senhora da Piedade. A comida era má e havia castigos. A febre e a doença não a abandonavam. Abateu-se muito. Dora é resgatada do Orfanato por Pedro Bala, Professor, Sem-Pernas, Volta Seca e João Grande.

6. NOITE DA GRANDE PAZ

Esse capítulo, curtíssimo, antecipa a morte de Dora. Os Capitães da Areia olhavam em silêncio a agonia de Dora, sua mãe, sua noiva.

7. DORA, ESPOSA

Dora, muito doente, contou a Pedro Bala que tinha ficado moça no orfanato, isto é, tivera a menarca, e pediu, como último desejo, a concretização do amor dos dois. Bala lembrou o estado doentio de Dora, mas ela disse-lhe que, se ele não a tivesse sexualmente, ela morreria. Logo após realização do desejo de ambos, Dora morreu.

8. COMO UMA ESTRELA DE LOIRA CABELEIRA

Pedro Bala acompanhou a nado o saveiro com o corpo de Dora e quando ficou extenuado, começou a boiar. Nesse momento, viu no céu um cometa que, para Bala, era Dora indo para o céu.

CANÇÃO DA BAHIA, CANÇÃO DA LIBERDADE

Na última parte do romance, algumas personagens de destaque dos Capitães da Areia (Professor, Pirulito, Gato, Volta Seca e Pedro Bala) deixam o grupo. Pedro Bala torna-se líder político de esquerda, um agente da revolução socialista.

1. VOCAÇÕES

Professor entrou em contato com o homem que lhe dera a piteira como pagamento pelo desenho e foi para o Rio de Janeiro estudar pintura. Pirulito deixou de roubar, fazia pequenos trabalhos e foi encaminhado à vida clerical pelo padre José Pedro. Boa-Vida tornou-se um dos malandros de Salvador.

2. CANÇÃO DE AMOR DA VITALINA

Sem-Pernas fez novamente o papel de órfão de bom caráter, diante da porta de uma vitalina, para infiltrar-se numa casa e passar a informação sobre os objetos de valor para que o grupo os furtasse. À noite, a solteirona procurava Sem-Pernas para atos libidinosos, mas sem a consumação do ato sexual.

3. NA RABADA DE UM TREM

Nesse capítulo são definidos os destinos de Gato e de Volta Seca. Gato tornou-se um completo vigarista, gigolô, sempre muito bem vestido. Volta Seca, depois de passar oito dias na cadeia, resolveu morar uma temporada com os Índios Maloqueiros em Aracaju, outro grupo de menores abandonados. Viajou na rabada de um trem. De repente, a viagem foi interrompida pelo bando de Lampião, padrinho de Volta Seca. O cangaceiro reconheceu-o e integrou-o ao bando, para o êxtase do afilhado.

4. COMO UM TRAPEZISTA DE CIRCO

Neste capítulo ocorre o desfecho trágico da trajetória de Sem-Pernas, aquele que “amava unicamente o seu ódio.” Cercado por policiais, num assalto a uma casa perto da praça do Palácio, Sem-Pernas não queria ser preso novamente, subiu no muro e saltou para a morte, como se fosse um trapezista que não tivesse alcançado o outro trapézio.

5. NOTÍCIAS DE JORNAL

Três notícias do Jornal da Tarde são reproduzidas, intercalando-se, entre elas, o texto do narrador. A primeira transcreve uma notícia publicada num jornal do Rio de Janeiro que comenta o sucesso da exposição de um pintor baiano João José. Esse artista é o ex-capitão da areia Professor.

A segunda notícia relata que a polícia de Belmonte não aceitou o malandro que a polícia de Ilhéus tinha mandado para lá. Devolveu o estelionatário Gato para Ilhéus.

A terceira comenta os 35 assassinios cometidos por um cangaceiro de dezesseis anos, o cruel Volta Seca.

6. COMPANHEIROS

Nesse capítulo, a ação de Pedro Bala e a dos Capitães da Areia têm motivação política. O estivador João de Adão e um estudante, Alberto, foram ao trapiche. O estudante disse-lhes que a greve dos operários dos bondes não podia ser furada, e se os grevistas fizessem piquete, impedindo o trabalho dos que não queriam fazer a greve, dariam margem para que a polícia interviesse, quebrando-se assim o caráter pacífico e disciplinado do movimento. Isso ameaçaria a obtenção do aumento reivindicado. Era necessário, então, que a violência fosse praticada por quem não era grevista. Coube, portanto, aos Capitães da Areia o trabalho de impedir agressivamente os que queriam pôr os bondes em movimento.

7. OS ATABAQUES RESSOAM COMO CLARINS DE GUERRA

O estudante Alberto transformou os Capitães da Areia num grupo ativista de esquerda. Pedro Bala tornou-se agente da revolução socialista. Foi organizar os Índios Maloqueiros de Aracaju, para que eles também fizessem ações políticas, enquanto Alberto tutelava os Capitães da Areia, que passariam a ter como chefe Barandão.

8. UMA PÁTRIA E UMA FAMÍLIA

Pedro Bala é notícia de jornais de partidos de esquerda, publicados clandestinamente. Não é mais tratado como o líder dos Capitães da Areia, é o “militante proletário, o camarada Pedro Bala, que era perseguido pela polícia de cinco estados como organizador de greves, como

organizador de partidos ilegais, como perigoso inimigo da ordem estabelecida”. Pedro Bala foi preso, mas conseguiu fugir.

Após o término da narrativa, há duas notas. A primeira faz referência ao momento em que se conclui a feitura do livro: março de 1937. A segunda faz referência ao momento da viagem de Jorge Amado para o México (junho de 1937). Após a imposição do Estado Novo, novembro de 1937, o livro será publicado, terá a primeira edição apreendida e exemplares queimados.

CONCLUSÃO

O narrador de *Capitães da Areia* é onisciente, emprega constantemente o discurso indireto livre e o monólogo interior. Embora seja de terceira pessoa, notam-se a parcialidade e a simpatia no tratamento que dispensa ao universo moral e social dos capitães da areia. O espaço em que se desenrola a narrativa é a cidade de Salvador, ressaltando-se que a ação passa-se no sertão apenas no momento em que Volta Seca viaja na rabada de um trem pela caatinga. As personagens Pedro Bala, Professor e Pirulito (que era muito violento antes de virar místico e, posteriormente, tornar-se o Frade Francisco) deixaram a condição existencial típica de um capitão da areia e foram lutar, cada um a sua maneira, por uma sociedade mais igualitária; não se enquadram ortodoxamente como personagens-tipo, por mais simples que sejam o conflito e a densidade psicológica, evoluíram para outra visão de mundo. Os personagens que podem ser chamados indubitavelmente de planos ou simples são Volta Seca, o que sempre odeia, Boa-Vida e Gato, os que sempre são malandros, João Grande, sempre forte, bom e pouco inteligente. Do princípio ao fim da narrativa, não houve uma nova visão de mundo que se desviasse da original nestes personagens, são, portanto, tipos, definem uma categoria, não têm uma individualidade. As personagens com pouca densidade psicológica, as personagens estereotipadas e a análise social simplista vão bem ao encontro da visão maniqueísta presente nessa obra em que a sociedade burguesa, sempre má, oprime as classes pobres, essencialmente boas. Na obra, a violência dos meninos dos Capitães da Areia decorre da problemática social, de famílias desestruturadas e da inépcia do Estado para lidar com a questão do menor abandonado. A ação do grupo, no final da obra, deixa de ser apenas a da delinquência e passa para a da transformação política da sociedade.

□ Exercícios

1. Pode-se dizer, após a leitura de “*Cartas à Redação*”, que
 - a) a direção do jornal acatou as denúncias contra o reformatório e iniciou uma campanha para a destituição do diretor.
 - b) a costureira Maria Ricardina, mãe de um interno, defende o diretor do Reformatório.
 - c) a partir de uma notícia, relatando o assalto praticado pelos Capitães da Areia, a opinião de todas as cartas é a mesma: repressão total aos menores delinquentes, inclusive com castigos corporais.
 - d) a carta do padre José Pedro corrobora as afirmações da carta de Maria Ricardina, mãe de um interno.
 - e) O juiz de menores assume a responsabilidade pela delinquência juvenil.
2. Faça um comentário sucinto sobre a função de *Cartas à Redação* na obra.

Leia o texto e responda às questões:

Um mês de Orfanato bastou para matar a alegria e a saúde de Dora. Nascera no morro, infância em correrias no morro. Depois a liberdade das ruas da cidade, a vida aventureira dos Capitães da Areia. Não era uma flor de estufa. Amava o sol, a rua, a liberdade.

3. A que parte do romance pertence esse fragmento?
4. Pode-se dizer que
 - a) a forma verbal “nascera” indica ação concomitante à expressa pela forma verbal “Amava”.
 - b) a forma verbal “bastou” expressa ação anterior à indicada pela forma verbal “nascera”
 - c) a forma verbal “nascera” tem valor temporal idêntico à forma verbal “tem nascido”.
 - d) a forma verbal “nascera” indica ação temporal anterior à forma verbal “bastou”.
 - e) a forma verbal “Amava” indica ação temporal posterior à expressa pela forma “nascera”.
5. Qual o sentido da metáfora “flor de estufa”?

Leia e responda:

Não durou muito na chefia o caboclo Raimundo. Pedro Bala era muito mais ativo, sabia planejar os trabalhos, sabia tratar com os outros, trazia nos olhos e na voz a autoridade de chefe. Um dia brigaram. A desgraça de Raimundo foi puxar uma navalha e cortar o rosto de Pedro, um talho que ficou para o resto da vida. Os outros se meteram e como Pedro estava desarmado deram razão a ele e ficaram esperando a revanche, que não tardou. Uma noite, quando Raimundo quis surrar Barandão, Pedro tomou as dores do negrinho e rolaram na luta mais sensacional a que as areias do cais jamais assistiram. Raimundo era mais alto e mais velho. Porém, Pedro Bala, o cabelo loiro voando, a cicatriz vermelha no rosto, era de uma agilidade espantosa e desde esse dia Raimundo deixou não só a chefia dos Capitães da Areia, como o próprio areal. Engajou tempos depois num navio.

Todos reconheceram os direitos de Pedro Bala à chefia, e foi dessa época que a cidade começou a ouvir falar nos Capitães da Areia, crianças abandonadas que viviam do furto. Nunca ninguém soube o número exato de meninos que assim viviam. Eram bem uns cem, e desses mais de quarenta dormiam nas ruínas do velho trapiche.

Vestidos de farrapos, sujos, semiesfomeados, agressivos, soltando palavrões e fumando pontas de cigarro eram, em verdade, os donos da cidade, os que a conheciam totalmente, os que totalmente a amavam, os seus poetas.

6. Considerando o último parágrafo, pode-se dizer que a visão crítica do neorealismo vem acompanhada de certa idealização da realidade? Por quê?
7. No fragmento transcrito, há palavras que remetem indiretamente ao nome e à maneira como morreu o pai de Pedro Bala. As palavras que podem ser associadas, respectivamente, ao nome e à forma como o pai de Pedro morreu são:
- | | |
|---------------------|----------------------|
| a) talho, navalha | b) loiro, bala |
| c) negrinho, surrar | d) Raimundo, navalha |
| e) Barandão, bala. | |

8. Assinale a alternativa que apresenta o mesmo processo de coordenação de orações presente na passagem “Raimundo deixou não só a chefia dos Capitães da Areia, como o próprio areal”
- “Penso, logo desisto” (José Paulo Paes)
 - Nem Pedro acudiu a tempo, nem ninguém.
 - Enquanto uma chora, a outra ri (Machado de Assis)
 - Estude que a prova está aí.
 - Quer queira, quer não, você irá.
9. Qual o papel que Barandão vai ter no grupo Capitães da Areia no final do livro?
10. (PUC) – Jorge Amado escreveu em 1937 o romance *Capitães da Areia*, no qual traz para a literatura a realidade das crianças de rua que vivem em Salvador e moram em um trapiche à beira do porto, no cais da Bahia. Considerando o romance como um todo, dele é **incorreto** afirmar que
- Pedro Bala segue o destino do pai e adere à militância política, orientado pelo velho operário das docas e pelo “estudante” que faz o papel do intelectual revolucionário.
 - Sem-Pernas se vale do defeito físico para comover as senhoras ricas, penetrar nas residências e abrir caminho para o bando.
 - os capitães dão uma finalidade política às artes da capoeira e à do jogo de punhais e passam a ajudar a mudar o destino dos pobres, intervindo em comícios, em greves e em lutas obreiras.
 - o romance concentra a força de seus méritos na denúncia gritante da condição dos meninos de rua e dimensiona a trajetória da personagem principal, da vida de lúmpen à luta proletária.
 - a morte de Dora, que desempenhou os papéis de mãe, irmã, noiva e esposa, determina a desagregação dos Capitães e a consequente prisão e condenação de Pedro Bala.

**CAPITÃES DA AREIA**

- 1) D
- 2) As matérias jornalísticas e a série de cartas procuram ligar o tema da obra, os menores delinquentes e abandonados, à vida cotidiana, presentificando nessa obra neorrealista o problema social. Além disso, mostram não só a divergência insolúvel entre o grupo que representa o poder político-cultural e o que tem relação afetiva com os menores delinquentes como também mostram a parcialidade da imprensa, manipulada pelo poder vigente.
- 3) Esse fragmento pertence à parte intitulada *Noite da Grande Paz, da Grande Paz dos Teus Olhos*. Nesse segmento, a personagem Dora passa a integrar os Capitães da Areia e ganha grande destaque. A própria denominação dessa parte faz referência aos olhos de Dora. O trecho transcrito é o início do capítulo Orfanato.
- 4) D
- 5) Essa metáfora conota a repressão do orfanato, visto como a estufa que contém a vitalidade, a criatividade, o porvir da criança, metaforizados em flor.
- 6) Sim, porque ao lado da constatação da condição precária e marginal dos menores abandonados (“vestidos de farrapos, sujos, semiesfomeados”) não deixa de haver uma idealização dessa condição quando o narrador considera que esses seres são “os que totalmente amavam” a cidade, “os seus poetas”.
- 7) B
- 8) B
- 9) Barandão torna-se o novo chefe dos Capitães da Areia, já que Pedro Bala torna-se um ativista político de esquerda.
- 10) E